

Pierre Bourdieu (1930-2002)

por Michael Grenfell, professor da Universidade de Southampton

Tradução de Fábio Ribeiro

Pierre Bourdieu se tornou um dos principais sociólogos internacionais da segunda metade do século XX. Isto posto, sua formação original foi em filosofia, e depois disso ele realizou um trabalho de campo extenso na Argélia no qual utilizou várias ferramentas da antropologia estrutural. Ao combinar a filosofia com a antropologia, acabou desenvolvendo sua própria, e muito distinta, versão da sociologia através de uma série de estudos iniciais sobre educação e cultura na década de 1960, além de textos sobre a Argélia. Com efeito, ele frequentemente empregava a palavra “etnologia” para se referir ao seu trabalho, e talvez seja melhor considerá-lo um “filósofo social”. É central para sua obra uma perspectiva metodológica que se baseava naquilo que chamava de sua “teoria da prática”, que ele estabeleceu numa série de textos metodológicos. Essa teoria tentava, na prática, transcender as limitações do subjetivismo e do objetivismo através de uma série de conceitos-chave. A isso seguiram-se estudos empíricos importantes na década de 1980 onde ele aplicou essa abordagem, e também várias discussões sobre um grande conjunto de tópicos. A dimensão da reflexividade tornou-se cada vez mais proeminente em sua obra na última década de sua vida e carreira. Ele também se tornou um intelectual público muito mais presente do que até esse ponto, ao participar de vários movimentos sociopolíticos e desenvolver o que chamou de “atos de resistência” principalmente contra a influência crescente da economia neoliberal e seus defensores na política. Apesar de ter falecido pouco depois de se aposentar, a influência de Bourdieu continuou a crescer e suas ideias hoje são empregadas em várias áreas disciplinares.

Biografia

Pierre Bourdieu nasceu em 1º de agosto de 1930 em Denguin, uma aldeia minúscula na região do Béarn dos Pirineus Atlânticos franceses, no sudoeste rural da França (ver Grenfell 2004b). Seu pai foi um funcionário de baixo escalão na P.T.T., os correios franceses; ainda que sua vida pareça ter sido de um meeiro itinerante que se tornou carteiro. A família tinha poucos recursos e Pierre cresceu falando gascão, uma língua regional hoje moribunda, antes de começar o ensino fundamental. Parece que o pai dele nunca completou seus estudos e foi isso que o fez decidir que seu filho teria maiores realizações acadêmicas. Sua mãe continuou a estudar até os dezesseis anos, pois pôde se hospedar com uma tia. Ela, portanto, compreendia a necessidade de abandonar o isolamento rural para “cuidar da vida”. Portanto, depois do ensino fundamental, Bourdieu foi enviado para um internato num liceu em Pau. Ele completou então seu ensino médio no liceu Louis-le-Grand em Paris antes de conseguir uma vaga

em 1951 na École Normale Supérieure (ENS) e se graduar como *agrégé* em filosofia em 1955.

Ele lecionou no liceu de Moulins por um ano antes de ir para a Argélia para realizar seu serviço militar. Subsequentemente, lecionou de 1958 a 1960 na faculdade de letras de Argel. Ao voltar para a França, foi empregado como assistente de Raymond Aron em Paris. Ele obteve um posto de professor na universidade de Lille (1961-64) onde trabalhava enquanto residia em Paris. Em 2 de novembro de 1962, ele se casou com Marie-Claire Brizard, com quem teve três filhos (Jerôme, Emmanuel e Laurent). Em 1964, com o apoio de grandes intelectuais franceses – Aron, Lévi-Strauss e Braudel – Bourdieu foi nomeado como diretor de estudos na École Pratique des Hautes Études (que desde 1977 passou a se chamar École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS); ele também assumiu o cargo de diretor do Centre de Sociologie Européenne.

Além disso, em 1964, ele se tornou editor da série *Le Sens Commun* publicada pela editora Les Éditions de Minuit e começou uma série de seminários na École Normale Supérieure. Em 1975 fundou a revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Em 1981, foi nomeado catedrático de sociologia no Collège de France. Em 1993, recebeu a medalha de ouro do CNRS, a maior honraria oficial francesa que um intelectual pode receber. Bourdieu morreu de câncer em 23 de janeiro de 2002.

A produção profissional de Bourdieu foi volumosa. Ela inclui livros, artigos acadêmicos, apresentações em conferências, entrevistas, filmes e fotografias, artigos de jornal, resenhas, petições e discursos. Juntos, representam várias centenas de peças, para não falar das muitas traduções para um grande conjunto de línguas globais. É possível agrupar suas principais publicações em quatro fases que se sobrepõem. A primeira delas inclui sua obra inicial sobre a Argélia – *Sociologie de l'Algérie* (1958), *Travail et travailleurs en Algérie* (1962), *Le déracinement, la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (1964) – e sobre sua aldeia natal no Béarn – *Célibat et condition paysanne* (1962).¹

Uma segunda fase inclui seus primeiros projetos no Centre de Sociologie Européenne: sobre educação – *Les héritiers* (1964), *La reproduction* (1970); e sobre arte e cultura – *Un art moyen* (1964), *L'amour de l'art* (1966). Essa fase culminou na publicação de dois textos metodológicos fundamentais – *Le métier de sociologue* (1968), *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972).

Uma terceira fase viu o surgimento de seus principais estudos antropológicos sobre a França: vida cultural – *La distinction* (1979); a academia e as escolas de treinamento do Estado – *Homo academicus* (1984), *La noblesse d'état* (1989); além de outros textos metodológicos e filosóficos – *Le sens pratique* (1980) (que é uma reelaboração de seus estudos argelinos), *Questions de sociologie* (1980), *Leçon sur la*

¹ Sempre é importante notar o ano da publicação original das obras de Bourdieu, já que as traduções muitas vezes apareceram apenas vários anos depois, o que influenciou as interpretações de quem não lê francês. Depois desta nota biográfica, para o resto deste artigo eu informarei a tradução inglesa primeiro e a data francesa em segundo lugar para facilitar a referência e a leitura para um público leitor inglês.

leçon (1982) (sua aula inicial no Collège de France), *Choses dites* (1987), *L'ontologie politique de Martin Heidegger* (1988). Ele também publicou sua única obra extensa sobre a linguagem nesse período – *Ce que parler veut dire* (1982).

A fase final representa a última década de sua vida. Nesse estágio, o perfil público de Bourdieu ficou cada vez maior. Parte desse papel envolveu ataques à economia moderna e suas consequências – *La misère du monde* (1993), *Les structures sociales de l'économie* (2000). Apareceram também coleções mais curtas de textos polêmicos dirigidos a um público mais amplo – *Contre-feux* (1998) e *Contre-feux 2* (2001). O foco na sociedade e no indivíduo incluiu *La domination masculine* (1998).

Também foram publicadas outras obras metodológicas e filosóficas, muitas vezes com discussões sociais e políticas explícitas incluídas como parte das implicações da teoria do conhecimento que nesse momento já estava elaborada num nível sofisticado – *Réponses* (1992), *Raisons pratiques* (1994) e *Méditations pascaliennes* (1997). Seu trabalho empírico principal mais uma vez se ocupou do campo artístico, mas agora com foco na produção de escritores e artistas – *Les règles de l'art* (1992). Como parte de suas obrigações no Collège de France, Bourdieu ofereceu uma série de palestras anuais – *leçons* – durante o tempo que fez parte dele. Algumas delas se tornaram a base de publicações subsequentes: por exemplo, *Science de la science et réflexivité* (2001). Outras foram transcritas e publicadas depois de sua morte: sua análise e história do Estado moderno – *Sur l'État* (2012) e um estudo importante sobre o pintor “pré-impressionista” Manet – *Manet: une révolution symbolique* (2013).

Teoria da prática

No *Esboço de uma teoria da prática* (1977a/1972), Bourdieu estabelece sua abordagem epistemológica em termos de uma série de “rupturas”: com o conhecimento empírico; com o conhecimento fenomenológico, com o conhecimento estrutural; e com o próprio conhecimento escolástico (teórico) (pp. 1-2). Entretanto, essas rupturas não são vistas como uma série de exclusões; pelo contrário, cada posição teórica é mantida e integrada numa “teoria da prática”. Com efeito, ele vê a necessidade de compreender essas rupturas como implicando a adição de um quinto tipo de conhecimento – o *praxeológico*. A base dessas rupturas é uma concepção da estrutura que a enxerga em termos de homologias mentais e sociais. A estrutura, portanto, precisa ser compreendida como algo distinto das formas convencionais encontradas no estruturalismo. Para Bourdieu, as relações estruturais surgem da ação prática (com senso) – ou seja, os atos cognitivos empíricos dos indivíduos em busca de seus objetivos. Tal engajamento envolve a interação entre princípios geradores em contextos sociais e a ação humana individual. Entretanto, esses princípios não existem num reino platônico livre de valores, pois são o produto e o processo do que já-foi – valores que servem ao *status quo* e/ou a formas sociais emergentes. Portanto, essa relação estrutural fenomenológica também é um produto de condições estruturais ambientais que oferecem regularidades objetivas para orientar o pensamento e a ação – modos de fazer coisas. Essa

compreensão é assim a base de uma epistemologia que busca construir uma “ciência das relações dialéticas entre estruturas objetivas ... e as disposições subjetivas dentro das quais essas estruturas se efetivam e que tendem a reproduzi-las” (1977a/1972: 3).

As bases objetiva e subjetiva da teoria da prática de Bourdieu também podem ser ilustradas através da sua compreensão da cultura. Bourdieu escreve que há duas tradições no estudo da cultura: a tradição *estrutural* e a *funcionalista* (1968). A tradição estruturalista enxerga a cultura como um instrumento de comunicação e conhecimento, com base num consenso compartilhado do mundo (por exemplo, a antropologia de Lévi-Strauss). A tradição funcionalista, por outro lado, forma-se ao redor do conhecimento humano como o produto de uma infraestrutura social. Tanto a sociologia de Durkheim quanto a de Weber fariam parte dessa segunda tradição, já que ambas se preocupam com formas ideacionais que surgem das estruturas da sociedade – materiais, econômicas e organizacionais – a primeira positivista e a outra crítica-radical. Bourdieu critica ambas as tradições. A primeira tradição é estática demais para ele porque considera a estrutura como *estruturas estruturadas*, ou seja, formas sincrônicas, muitas vezes com base em sociedades primitivas; enquanto a segunda tradição reifica a ideologia – como uma *estrutura estruturante* – ao impor a ideologia da classe dominante na tradição crítica ou ao manter o controle social na positivista. Bourdieu tenta reconciliar ambas as tradições ao tomar o que foi aprendido com a análise das estruturas como sistemas simbólicos para descobrir a dinâmica dos princípios, ou a lógica da prática, que dá a elas seu poder estruturante (ver Bourdieu 1971a/1967). Para resumir, uma teoria da estrutura como *estruturada* (*opus operatum*, e assim aberta à objetificação) e *estruturante* (*modus operandi*, e assim geradora de pensamento e ação).

Também é importante analisar essa resposta à luz de duas disciplinas intelectuais fundamentais de seus anos formadores (a década de 1950): o existencialismo e o estruturalismo. O existencialismo é melhor representado pela obra do filósofo francês Jean-Paul Sartre, com sua filosofia da liberação pessoal através das escolhas subjetivas que fazemos ao definirmos nossas vidas. O estruturalismo pode ser representado pela obra do antropólogo Claude Lévi-Strauss e seu estudo das “regras” objetivas que podem ser encontradas através das culturas e que governam o comportamento humano – tabus, mitos, etc. Mas Bourdieu também respondia a suas leituras dos pais fundadores da sociologia – Durkheim, Marx e Weber – e a historiadores franceses da filosofia da ciência, como Bachelard, Koyré e Canguilhem, que compartilhavam o interesse em romper com a ciência positivista derivada da epistemologia cartesiana.

De fato, Bourdieu definiu a divisão convencional entre “subjetivismo” e “objetivismo” como “a mais fundamental e a mais danosa” (1990a/80:25). Toda a “teoria da prática” de Bourdieu pode ser vista como uma tentativa de criar uma ponte entre essa divisão e ir além dela. Metodologicamente, a dicotomia aparece em termos de duas abordagens, com referência a Cassirer: uma substancialista e a outra relacional. A abordagem substancialista trata as coisas como entidades pré-existentes com propriedades essenciais – como objetos realistas; enquanto a abordagem relacional compreende as coisas em termos de seu contexto relacional – como elas adquirem

sentido em termos de sua posição em relação a outros fenômenos que compartilham de seu contexto.

Durante seus estudos empíricos, Bourdieu desenvolveu uma série de “conceitos-chave”, que utilizou como ferramentas analíticas para expandir a abordagem (ver Grenfell 2014). Os conceitos que representam o objetivismo e o subjetivismo são *campo* e *habitus*, cuja relação ele descreveu como sendo de “cumplicidade ontológica” (1982:47).

O *campo* é os elementos “objetivos” do ambiente social, e é definido como:

“... uma rede, ou uma configuração, de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente, em sua existência e nas determinações que impõem a seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (*situs*) presente e potencial na estrutura da distribuição de espécies de poder (ou capital) cuja posse permite acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo, assim como por sua relação objetiva a outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.)” (Bourdieu & Wacquant 1992a:97).

O *habitus*, por outro lado, é uma expressão de *subjetividade*:

“Sistemas de disposições duráveis e que podem ser transpostas, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios que geram e organizam práticas e representações que só podem ser adaptadas objetivamente a seus resultados sem pressupor um objetivo consciente de fins ou um domínio expresso das operações necessárias para se obtê-los. ‘Regulados’ e ‘regulares’ objetivamente sem serem de modo algum o produto de obediência a regras, eles podem ser orquestrados coletivamente sem ser o produto da ação organizadora de um condutor” (Bourdieu 1990/80:53).

De acordo com a discussão acima, o *habitus* e o *campo* são homólogos em termos de estruturas que são ao mesmo tempo estruturadas e estruturantes. Em outras palavras, os *espaços sociais* devem ser compreendidos como diferenciados, e portanto estruturais em essência. Do mesmo modo, a cognição individual gera estruturas mentais, e é gerada por elas, que também são essencialmente estruturadas devido a seus sistemas de diferenciação. Num artigo fundamental de 1966 – “Campo intelectual e o projeto criador” – Bourdieu desenvolve a descoberta do historiador Panofsky de que há um elo entre a arte gótica, por exemplo, no planejamento da arquitetura de catedrais, e os hábitos mentais das pessoas envolvidas nisso. Em outras palavras, uma era sintomática dos outros. Bourdieu utilizou esse princípio para afirmar que existia uma *homologia estrutural* entre o pensamento subjetivo e o ambiente objetivo que, para Panofsky, era mais perceptível em formas de organização social e não em catedrais. Essas homologias existem porque são geradas pela *lógica da prática* do *campo* e ao mesmo tempo a geram, lógica essa definida em termos de sua *raison d’être* substantiva. Isso reforça o ponto: as “estruturas” sociais e mentais são coextensivas, são ao mesmo tempo “estruturadas” e “estruturantes” – concretas e dinâmicas – estáveis mas em fluxo.

A metodologia na prática

Apesar de fazer parte de uma geração de intelectuais franceses que influenciou o mundo – que incluía nomes como Foucault, Derrida, Lacan, Lyotard e Barthes – Bourdieu realizou vários estudos empíricos que podem até ser considerados antropologias da França contemporânea. Esses estudos podem ser vistos como o trabalho de Bourdieu para determinar o que sua teoria da prática significava para a prática da pesquisa. O método resultante pode ser compreendido em termos de três fases coextensivas e uma análise de campo em três níveis:

Fases:

1. Construção do objeto de pesquisa
2. Análise de campo
3. Objetivação participante

Níveis da análise de campo:

1. O campo e o campo do poder
2. O campo
3. O habitus daqueles que ocupam posições no campo

(ver Grenfell 2014, cap. 13)

Esses “níveis” e “fases” podem ser identificados por toda a obra de Bourdieu, ainda que nem sempre tenham sido detalhados sistematicamente. O trabalho “no campo” também levou a reflexões filosóficas posteriores sobre o método e a abordagem: ver Bourdieu 1991a, 1992, 1994a, 2000a, 2004. Na teoria e na prática, Bourdieu insiste na “vigilância epistemológica”, um termo emprestado de Bachelard, para sintetizar várias correntes e tradições intelectuais para a criação de uma “forma [simbolicamente] melhorada de materialismo”; e reclamou frequentemente de que os críticos muitas vezes desejam rotulá-lo como marxista, durkheimiano ou weberiano (ver Bourdieu 1994:49 e Bourdieu 1995).

Para seu projeto é central a exploração do *poder simbólico* (ver Bourdieu 1991b, cap. 7), particularmente em relação à sua origem no Estado. Essa preocupação fica evidente desde seus estudos iniciais. Por exemplos, estudos volumosos sobre a Argélia começam desafiando o próprio conceito unitário desse país que foi imposto pelos franceses a um território que colonizaram em 1832 (ver Bourdieu 1958, 1961, 1962a, 1962b, 1962c, 1963, 1964). Com a utilização de técnicas etnográficas, pictóricas e estatísticas, Bourdieu construiu uma “topografia social” da Argélia e de seu povo. Ele também cunha uma frase derivada de um economista francês – Perroux – para mostrar o “efeito de dominação” ou *desestruturação e reestruturação* que ocorre quando um país dominante toma a proximidade geográfica como base para sua administração, e não o lado sociocultural. As observações na Argélia permaneceram na mente de Bourdieu por

toda sua carreira, e ele voltou a elas constantemente como um modo de refletir sobre as semelhanças e diferenças entre sociedades tradicionais e contemporâneas (ver Bourdieu 2000b). Numa das últimas *leçons* no Collège de France (Bourdieu 2014/2012), ele afirma que a integração precede a dominação e a unificação precede a monopolização na imposição do poder simbólico pelo Estado.

Um processo semelhante pode ser visto em seu estudo sobre os fazendeiros solteiros em sua região natal do Béarn nos Pirineus (ver Bourdieu 2008a/2002 e Grenfell 2006). Esse livro é uma coleção de artigos escritos durante 25 anos, já que Bourdieu retornava ao tema repetidamente para retrabalhar dados. Mais uma vez, tanto análises etnográficas quanto estatísticas são empregadas para demonstrar os efeitos da intrusão da sociedade moderna sobre os costumes matrimoniais tradicionais do mundo rural, fazendo com que um grupo de fazendeiros não tivesse como se casar. Além de ser um estudo que se justifica em termos sociológicos, Bourdieu também tenta mostrar o “sofrimento social” como uma consequência direta de mudanças na sociedade e da atitude do Estado diante delas. Preocupações semelhantes estão por trás de boa parte de sua obra: não apenas sobre a Argélia, mas posteriormente em termos de “dominação masculina” (2001a) e os efeitos do neoliberalismo nas vidas dos homens e mulheres franceses (1999).

Outros estudos empíricos nas décadas de 1960 a 1980 se preocuparam com a educação e a cultura, e foram as publicações resultantes desses estudos que atraíram atenção internacional para Bourdieu e também levaram ao desenvolvimento de mais conceitos analíticos para explicar as disparidades que Bourdieu descobriu no comportamento francês sobre esses dois aspectos-chave da fundação da Quinta República francesa. Por exemplo, ele cunhou a expressão *capital cultural* para explicar o modo como estudantes de origens socioculturais diferentes tinham desempenho variável quando enfrentavam a “cultura do aprendizado” (ver Bourdieu 1994b, 1979, 1977b). Esse argumento enfraqueceu um pouco as reivindicações, e também as aspirações, da suposta “democratização do ensino”. De modo semelhante, seu trabalho sobre museus e galerias de arte (que muitas vezes eram vistos pelo Estado francês como um modo de socializar e educar a população) demonstrou que o comparecimento invariavelmente seguia os níveis de educação dos visitantes (ver Bourdieu 1990b, 1993b, 1993c). Esses estudos foram muito influentes. A discussão acadêmica do “amor pela arte” se relacionava diretamente aos interesses culturais crescentes na expansão enorme da sociologia que ocorreu nas décadas de 1960 e 70, ao lado das disciplinas cognatas dos estudos da mídia, estudos culturais, etc. Já o escrutínio da realidade do aprendizado foi realizado pela “nova” sociologia da educação com suas preocupações com a formação do conhecimento na sala de aula (ver Young 1971; Grenfell 1996, 2004a e 2007). Entretanto, a utilização desse tipo de trabalho – no caso da cultura, na direção de uma orientação maior para a receptividade pública da arte, e em explorações educacionais para treinar professores de modo a mitigar os efeitos do capital cultural – foi parcialmente equivocada: o objetivo de Bourdieu não era exatamente melhores processos educacionais e culturais (ainda que ele tenha feito sugestões para isso) e sim

exemplificações posteriores sobre o funcionamento do Estado; neste caso, em relação a duas de suas principais propriedades.

Esse trabalho culminou na década de 1980 com um estudo do “gosto” francês – *A distinção* (1984/1979), que se tornou um clássico da sociologia – e estudos do campo acadêmico francês ao tratar do *Homo Academicus* (Bourdieu 1988) e do sistema das *grandes écoles* francesas, que criam para o país sua “nobreza do Estado” (Bourdieu 1996a/1989). Além de lidar com aspectos da sociedade e do Estado franceses, pode-se ver essas obras como Bourdieu aplicando e desenvolvendo suas perspectivas epistemológicas na prática. Fica claro que a sociologia *dele* era muito particular e nem sempre se conformava às normas disciplinares convencionais – com efeito, ele queria exatamente isso. Em um momento, ele se referiu à sua sociologia como “construtivismo estrutural” ou “estruturalismo construtivista” (1989a), mas mesmo esses termos precisam ser interpretados através de lentes filosóficas e antropológicas. Muitos outros tópicos são tratados sob esse microscópio – arte, cultura, religião, moda, economia, esporte, literatura, ciência, direito – e muitos deles estão incluídos na publicação de 1980, *Questões de sociologia* (ver Bourdieu 1993a/1980). Apenas alguns deles receberam um tratamento completo de Bourdieu: a literatura, com Flaubert (1996b/1992), a arte, com Manet (Bourdieu 2017/2013, ver também Grenfell & Hardy 2003 e 2007), a economia (2005, ver também Grenfell 2015).

Reflexividade

Tendo em vista a epifania epistemológica pessoal que Bourdieu teve durante seu período na Argélia, talvez não surpreenda que a “reflexividade” seja considerada central para sua obra. Os primeiros estudos sobre a Argélia, o Béarn, educação e cultura são todos sobre áreas com as quais Bourdieu estava intimamente envolvido, e podem ser lidos, parcialmente, como suas tentativas de compreender seu próprio lugar nelas. O *Esboço* inclui uma seção sobre “o observador observado”, e em *Homo Academicus* Bourdieu objetifica seu próprio campo acadêmico. Entretanto, a “reflexividade” enquanto conceito ganha destaque de modo mais explícito em trabalhos posteriores (1992a, 2004/2001). Em um de seus últimos trabalhos publicados em vida, ele escreve um “esboço de autoanálise” (2007), ainda que insista que não era uma autobiografia. Em sua palestra final no Collège de France, ele sugere que sua obra, em última instância, era sobre si mesmo; mas isso não deve ser interpretado como uma questão de autoindulgência e sim como uma tentativa intelectual de compreender as relações entre um indivíduo e o Estado, com todas as suas manifestações (ver Eakin 2001). Mas a reflexividade de Bourdieu é muito diferente de formas e compreensões comuns do conceito. Ele a considera uma “metanoia”, um “olhar [totalmente] novo” sobre o mundo, que implica numa ruptura radical com os modos normais de enxergar as coisas (ver Grenfell 2017). A consciência de si não é o bastante, nem reconhecer a consciência expressiva. Ambas são pouco mais do que a ilusão de “transcender o pensamento através do poder do próprio pensamento”. A alternativa de Bourdieu leva ao caminho

fenomenológico da relação dos indivíduos com o mundo material e o ideacional – mais uma vez através do emprego de sua teoria da prática e de suas ferramentas conceituais de pensar.

É possível fazer isso num nível individual/pessoal. Por exemplo, Bourdieu sugere que algumas de suas entrevistas etnográficas com homens e mulheres franceses tiveram um efeito terapêutico para os envolvidos, pois permitiram que eles objetificassem as forças sociais que agem sobre eles e assim compreender as raízes de seu sofrimento social (ver Bourdieu 2000d). Isso posicionaria sua filosofia como equivalente do existencialismo de Sartre como fonte de liberação humana. Entretanto, Bourdieu desenvolve a noção de reflexividade, as causas da falsa objetividade e o que pode ser feito para minimizar seus efeitos em relação à conduta da ciência e da pesquisa.

Na série de “rupturas epistemológicas” que Bourdieu propõe ao definir sua “teoria da prática”, a última é romper com o próprio “conhecimento escolástico”! Em outras palavras, precisamos considerar que o mundo escolástico da teoria tem tanta tendência a agir com base em pressuposições e historicização do que o mundo empírico; de modo que realmente há o risco do conhecimento de pesquisa se tornar uma espécie de “falácia escolástica”, onde aquilo que é oferecido com o nome de conhecimento científico é na realidade simplesmente a reprodução de uma certa relação escolástica com o mundo, e portanto embebida de seus próprios interesses. Bourdieu escreve sobre três pressuposições que são perigos centrais nessa “representação errônea” em potencial (ver Bourdieu 2000a/97: 10). Primeiro, há a pressuposição associada a uma posição particular no espaço social; em outras palavras, o habitus particular (incluindo o gênero) constituído por uma certa trajetória de vida, e assim as estruturas cognitivas, que orientam o pensamento e a prática. Segundo, há a ortodoxia do local do campo acadêmico/disciplinar – sua *doxa* – com seu imperativo de pensar (apenas!) nesses termos, que são os únicos reconhecidos como legítimos no campo. Terceiro, há toda a relação com o mundo social implicada pela própria *skholè* escolástica; em outras palavras, enxergar esse mundo como substantivo, dado e um objeto de contemplação em vez de relacionamente – praxeologicamente – e existencialmente dinâmico. Para evitar essas pressuposições, Bourdieu defende a alternativa necessária como um processo de “objetivação participante” ou a “objetivação do sujeito objetivador”:

“Quero dizer com isso a objetivação que retira do sujeito cognitivo o privilégio que ele normalmente se concede e que emprega todos os instrumentos de objetivação ... para trazer à luz as pressuposições que ela deve à sua inclusão no objeto de conhecimento” (*ibid.*).

Em outras palavras, ele convoca os cientistas sociais para aplicar a si mesmos os métodos de análise que usam para seus objetos de pesquisa. O que isso significa é enxergar seu próprio campo de pesquisa em termos de habitus, campo e capital, e objetificar sua própria posição dentro dele. Apesar de ser possível realizar esse empreendimento individualmente, o que é em parte necessário por um imperativo

epistemológico pessoal, é ainda mais importante que os participantes de um campo acadêmico particular se comprometam a um processo semelhante de reflexividade como um modo de exibir os limites de sua ciência. Bourdieu sabe muito bem que tal atividade vai contra a lógica da prática convencional por trás do campo científico, com seu interesse em afirmar sua própria visão de mundo ao competir por uma posição dominante no campo acadêmico geral. Como resultado, muitas vezes há uma relutância da parte dos acadêmicos em reconhecer os “limites do pensamento” que um processo realmente reflexivo revelaria. Para Bourdieu, a missão especial da sociologia – ou, pelo menos, de sua versão da sociologia – é insistir nessa postura reflexiva. Com efeito, qualquer outra coisa seria uma espécie de ato definitivo de má fé escolástica.

Atos de resistência

O teor da obra e do perfil público de Bourdieu evoluiu no decorrer de sua vida profissional. Por grande parte das décadas de 1960 e 70, ele era visto como um intelectual distante que não se preocupava com a política e a ação social; ainda que *Intervenções* (2008b) deixe claro que isso nunca foi verdade. Entretanto, sua eleição para o Collège de France e a aparição de grandes estudos sobre a França contemporânea na década de 1980 deu à sua obra um novo perfil público. Isso coincidiu com a chegada dos socialistas ao poder pela primeira vez no período da Quinta República, e Bourdieu inicialmente acolheu as novas políticas sociais deles. Ele até chefiou um comitê no Collège que produziu um relatório sobre reforma curricular para as escolas e universidades. Essa convergência não durou muito tempo, e Bourdieu passou para uma posição de oposição ao governo socialista depois que este deu uma meia-volta socioeconômica e começou a implementar o mesmo tipo de políticas neoliberais que eram adotadas internacionalmente, em especial nos EUA e no Reino Unido. Grande parte da atividade subsequente de Bourdieu pode ser considerada uma série de intervenções no espaço sociopolítico, que ele considerava “atos de resistência”. Entre eles: publicações para um público não especialista (ver 1998a, 2001b, e as publicações de outros autores na série *Liber: Raisons d’Agir*); um estudo sobre o “sofrimento social” na França (1999); aparições mais frequentes na mídia (e textos sobre ela, 1998b); afirmações políticas mais explícitas (2000c); e até aparições e discursos em manifestações de trabalhadores grevistas. Bourdieu também deu apoio a um filme feito sobre um ano de sua vida – *A sociologia é um esporte de combate* – que, novamente, oferece uma justificativa da aplicação de suas percepções particulares como instrumentos sociopolíticos de ativismo. Nessa época, o próprio Bourdieu (1992c) estava ativo na criação de uma Internacional de escritores, que uniu autores de todo o globo como um movimento intelectual capaz de intervir e se opor a políticas que considerassem resultar em empobrecimento social. No lugar destas, ele propôs *une politique de bonheur* – políticas que começam com o objetivo de tornar a vida mais confortável para os cidadãos.

Críticas

Tendo em vista a ambição e o escopo da obra de Bourdieu, não surpreende que ela tenha atraído uma grande dose de críticas, tanto de modo geral quanto particular, e que seguiram padrões estabelecidos. Mesmo um de seus tradutores se referiu a ele inicialmente como “um marxista vulgar”, ignorando a síntese epistemológica que ele realizava, e outros tentaram classificá-lo ou criticá-lo em termos de um ou outro time – Weber, Durkheim, Marx, etc. – o que, é claro, era exatamente aquilo do que ele queria escapar. Para outros, ele é simplesmente estruturalista demais (Prost 1980) ou normativo demais (Bredo & Feinberg 1979). Outros se opõem aos conceitos-chave de Bourdieu e sua imprecisão (Alexander 1995). A linguagem realmente é um problema, e o próprio Bourdieu aconselha os aspirantes a pesquisadores a “tomarem cuidado com as palavras” (1989b). Jenkins (1992) castiga Bourdieu por sua prosa notoriamente difícil e os termos conceituais que ele utiliza. Infelizmente, o exemplo que ele cita (“a modalidade dóxica das enunciações”) é na verdade Bourdieu utilizando um termo chave do fenomenólogo Husserl, o que gerou o comentário de que “Jenkins ignora sua própria ignorância”. Lane (2006) não encontra muito a se aproveitar na política de Bourdieu apesar de se referir a “problemas e possibilidades” no subtítulo do livro do mesmo nome, e conclui rejeitando o “cientismo lamentável” de Bourdieu (*ibid.*:170).

Outros adotaram as ideias de Bourdieu e as utilizaram para ilustrar problemas em seus próprios campos de pesquisa: por exemplo, religião (Rey 2007), arquitetura (Webster 2011), direito (Retfaerd 2006) e jornalismo (Benson & Neveu 2005). Em outros casos, ele parece ter ofendido os acadêmicos de algumas áreas disciplinares por ter dito o que disse sobre sua abordagem de pesquisa, e estes responderam ignorando-o: por exemplo, na literatura (mas ver Martin 2010) e na linguística aplicada (mas ver Grenfell 2011).

É verdade que existe um aspecto “totalizador” na perspectiva de Bourdieu que exige que viajemos com ele das raízes mais fenomenológicas até as aplicações no trabalho de “campo” e as implicações para a política e a prática. Alguns leitores anglo-saxões não apreciam o bastante seus antecedentes na filosofia continental e especialmente a dimensão “moral” de uma visão de mundo francesa republicana. O próprio Bourdieu tinha consciência dos riscos da “circulação internacional das ideias”, que viajam ao redor do mundo separadas do contexto de onde surgiram. Isso pode levar a mal entendidos sérios. As lacunas entre a publicação francesa e a aparição de traduções inglesas (que normalmente não são cronológicas) exacerbam o problema. Bourdieu pede uma “leitura sociogenética” de sua obra (1993d). Mas há algo que transcende essas questões. Bourdieu continua a atrair bastante interesse, e muitos pesquisadores ainda operacionalizam sua teoria da prática na prática; particularmente em termos do desenvolvimento da metodologia e da análise do que exatamente a “teoria do campo” pode obter para nós no século XXI. Para aqueles que não apreciam sua obra, ela é uma visão de mundo que eles simplesmente não compartilham, e chega a ser questionável se devemos considerar sua abordagem como “sociologia” no sentido prático convencional da palavra. Ainda assim, parece que as ideias muito originais de

Pierre Bourdieu continuarão a interessar cientistas sociais de muitas facções diferentes por um bom tempo.

Bibliografia

Alexander, J (1995) *Fin de Siècle Social Theory*. London: Verso.

Benson, R and Neveu, E (2005) *Bourdieu and the Journalistic Field*. Oxford: Polity Press.

Bourdieu, P (1958) *Sociologie de l'Algérie*. (New Revised and Corrected Edition, 1961). Paris: Que Sais-je.

Bourdieu, P (1961) 'Révolution dans la révolution', *Esprit*, Jan., 27 - 40.

Bourdieu, P (1962a) *The Algerians* (trans. A C M Ross). Boston: Beacon Press.

Bourdieu, P (1962b) 'Célibat et condition paysanne', *Etudes rurales*, 5-6, 32 - 136.

Bourdieu, P (1962c) 'De la guerre révolutionnaire à la révolution', in F Perroux (Ed) *L'Algérie de demain*. Paris: PUF.

Bourdieu, P (with Darbel, A, Rivet, J P, and Seibel, C) (1963) *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris- The Hague: Mouton.

Bourdieu, P (with Sayad, A) (1964) *Le Déracinement, la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (1968) 'Structuralism and theory of sociological knowledge', *Social Research*, 35, 4, 681 - 706.

Bourdieu, P (1971a/67) 'Systems of education and systems of thought', in M F D Young (Ed.) *Knowledge and Control: New Directions for the Sociology of Education*. London: Macmillan.

Bourdieu, P (1971b) 'Intellectual field and creative project', in M F D Young (Ed.) *Knowledge and Control: New Directions for the Sociology of Education*. London: Macmillan.

- 'Champ intellectuel et projet créateur', *Les Temps Modernes*, Nov, 865-906.

Bourdieu, P (1977a/72) *Outline of a Theory of Practice* (trans. R Nice). Cambridge: CUP.

- *Esquisse d'une théorie de la pratique. Précédé de trois études d'ethnologie kabyle*. Geneva: Droz.

Bourdieu, P (with Passeron, J-C) (1977b/70) *Reproduction in Education, Society and Culture* (trans. R. Nice). London: Sage.

- *La Reproduction. Eléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Editions de Minuit.

Bourdieu, P (Passeron, J-C)(1979/64) *The Inheritors, French Students and their Relation to Culture* (trans. R.Nice). Chicago: The University of Chicago Press.

- *Les héritiers, les étudiants et la Culture*. Paris: Les Editions de Minuit

Bourdieu, P (1982) *Leçon sur une leçon*. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (1984/79) *Distinction* (trans. R. Nice). Oxford: Polity.

- *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Editions de Minuit

Bourdieu, P (1988/84) *Homo Academicus* (Trans. P. Collier). Oxford: Polity.

- *Homo Academicus*. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (1989a) 'Social space and symbolic power', *Sociological Theory*, 7, 14-25.

Bourdieu, P (1989b) 'Towards a reflexive sociology: a workshop with Pierre Bourdieu', *Sociological Theory*, 7, 26-63.

Bourdieu, P (1990a/1980) *The Logic of Practice* (trans. R Nice). Oxford: Polity.

- *Le sens pratique*. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (with Darbel, A and Schnapper, D) (1990b/1966) *The Love of Art. European Art Museums and their Public* (trans. C Beattie and N Merriman). Oxford: Polity Press.

- *L'Amour de l'art, les musées d'art et leur public*. Paris: Les Editions de Minuit

Bourdieu, P (with Chamboredon, J-C and Passeron, J-C) (1991a/1968) *The Craft of Sociology* (trans. R Nice). New York: Walter de Gruyter.

- *Le Métier de sociologue*. Paris: Mouton-Bordas.

Bourdieu, P (1991b) *Language and Symbolic Power* (trans. G. Raymond and M. Adamson). Oxford: Polity Press.

Bourdieu, P (with Wacquant, L) (1992a) *An Invitation to Reflexive Sociology* (trans. L Wacquant). Oxford: Polity Press.

- *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (1992b/1989) 'Principles for reflecting on the curriculum', *The Curriculum Journal*, 1, 3, 307- 314.

- *Principes pour une réflexion sur les contenus d'enseignement*

Bourdieu, P (1992c) 'Pour une Internationale des intellectuels', *Politis*, 1, 9-15.

Bourdieu, P (1993a/1980) *Sociology in Question* (trans. R Nice). London: Sage.

Questions de sociologie. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (1993b) *The Field of Cultural Production: Essays on Art and Literature*. Oxford: Polity Press.

Bourdieu, P (1993c) 'Principles of a sociology of cultural works', in S. Kemal and I. Gaskell (Eds.) *Explanation and value in the Arts*. Cambridge: CUP.

Bourdieu, P (1993d) 'Concluding remarks: foe a sociogenetic understanding of intellectual works', in C. Calhoun, E. LiPuma and M. Postone (Eds.) *Bourdieu: Critical Perspectives*. Oxford: Policy Press

Bourdieu, P (1994a/ 1987) *In Other Words: Essays Towards a Reflexive Sociology* (Trans. M Adamson). Oxford: Polity.

- *Choses dites*. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (with Passeron, J-C and De Saint Martin, M) (1994b/65) *Academic Discourse*. Oxford: Polity.

- *Rapport Pédagogique et Communication*. The Hague: Mouton.

Bourdieu, P (with Grenfell, M) (1995) *Entretiens*. CLE Papers 37: University of Southampton.

Bourdieu, P (1996a/1989) *The State Nobility. Elite Schools in the Field of Power* (trans. L C Clough). Oxford: Polity Press.

- *La noblesse d'état. Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Editions de Minuit.

Bourdieu, P (1996b/92) *The Rules of Art* (trans. S. Emanuel). Oxford: Polity Press.

- *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (1998a) *Acts of Resistance. Against the New Myths of our Time* (trans. R Nice). Oxford: polity Press.

- *Contre-feux*. Paris: Raisons d'Agir

Bourdieu, P (1998b/1996) *On Television and Journalism*. London: Pluto Press.

- *Sur la télévision, suivi de l'Emprise du journalisme*. Paris: Raisons d'agir.

Bourdieu, P (1999/1993) *The Weight of the World. Social Suffering in Contemporary Society* (trans. P Parkhurst Ferguson, S Emanuel, J Johnson, S T Waryn). Oxford: Polity Press.

- *La Misère du monde*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (2000a/1997) *Pascalian Meditations* (trans. R. Nice). Oxford: Polity Press.

- *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (2000b) 'Making the economic habitus. Algerian workers revisited' (trans, R. Nice and L Wacquant), *Ethnography*, 1, 1, 17-41.

Bourdieu, P (2000c) *Propos sur le champ politique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

Bourdieu, P (with Swain, H) (2000d) 'Move over, shrinks', *Times Higher Educational Supplement*, 14 April, 19.

Bourdieu, P (2001a/1998) *Masculine Domination*. Oxford: Polity Press.

- *La Domination masculine*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (2001b) *Contre-feux 2. Pour un mouvement social européen*. Paris: Raisons d'Agir.

Bourdieu, P. (2003) 'Participant Objectivation', *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 9, 2, (June 2003), 281-294

Bourdieu, P (2004/2001) *Science of Science and Reflexivity*. Cambridge: Polity Press.

- *Science de la science et réflexivité*. Paris: Raisons d'Agir.

Bourdieu, P (2005/2000) *The Social Structures of the Economy*. Cambridge: Polity Press.

- *Les Structures sociales de l'économie*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (2007) *Sketch for a Self-analysis*. Cambridge: CUP.

- *Esquisse pour une auto-analyse*. Paris: Raisons d'Agir.

Bourdieu, P (2008a/ 2002) *The Bachelor's Ball*. Cambridge: Polity Press.

- *Le bal des célibataires. Cris de la société en Béarn*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (2008b/ 2002) (Eds. Discepolo and F Poupeau) *Political Interventions: Social science and political action*. London: Verson.

- *Interventions_(1961-2001)*. Marseilles: Agone.

Bourdieu, P (2014/2012) *On the State*. Cambridge: Polity Press.

- *Sur l'État*. Paris: Seuil.

Bourdieu, P (2017/ 2013) *Manet: A Symbolic Revolution*. Cambridge: Polity.

- *Manet: une révolution symbolique*. Paris: Seuil.

Bredo, E and Feinberg, W (1979) 'Meaning, power and pedagogy: Pierre Bourdieu and Jean-Claude Passeron, Reproduction in Education, Society and Culture: Essay review', *Journal of Curriculum Studies*, 11, 4, 315-32.

Eakin, E (2001) 'Social status tends to seal one's fate, say France's master thinker', *New York Times*, 6th January 2001.

Grenfell, M (1996) 'Bourdieu and the initial training of modern language teachers', *British Educational Research Journal*, 22, 3, 287-303.

Grenfell, M (2004a) 'Bourdieu in the Classroom', in M Olssen *Language and Culture*. New York: Greenwood Press.

Grenfell, M (2004b) *Pierre Bourdieu: Agent Provocateur*. London: Continuum.

Grenfell, M (2006) 'Bourdieu in the field: from the Béarn to Algeria – a timely response', *French Cultural Studies*, 17, 2, 223-240.

Grenfell, M (2007) *Pierre Bourdieu: Education and Training*. London: Continuum

Grenfell, M and Hardy, C (2003) 'Field manoeuvres: Bourdieu and the Young British Artists', *Space and Culture*, 6, 1, 19-34.

Grenfell, M and Hardy, C (2007) *Art Rules. Pierre Bourdieu and the Visual Arts*. Oxford: Berg.

Grenfell, M (2011) *Bourdieu, Language and Linguistics*. London: Continuum.

Grenfell, M (Ed.) (2014) *Pierre Bourdieu: Key Concepts (2nd Edition)*. London: Routledge.

Grenfell, M (2015) 'Capital conversions in postmodern economies', in A. Christoforu and M. Lainé (eds.) *Re-thinking Economics: Exploring the World of Pierre Bourdieu*. London, Routledge.

Grenfell, M (2017) 'Reflecting in/ on Field Work', in Albright, J, Hartmann, D, and Widen, J (eds.) *Beyond the Fields we know: Operationalising and Extending Bourdieu's Field Analysis*, (In Press 2017).

Jenkins, R (1992) *Pierre Bourdieu*. London. Routledge.

Lane, J (2006) *Bourdieu's Politics: Problems and Possibilities*. London Routledge.

Martin, J-P (2010) *Bourdieu et la Littérature*. Nantes: Éditions Cécile Defaut..

Prost, A (1980) 'Une sociologie stérile: La Reproduction', *Esprit*, 3, 851-861

Retfaerd (2006) *Pierre Bourdieu: From Law to the Legal Field*. Copenhagen.

Rey, T (2007) *Bourdieu and Religion: Imposing Faith and Legitimacy*. London: Equinox.

Webster, H (2011) *Bourdieu for Architects*. London: Routledge.

Young, M F D (Ed.) (1971) *Knowledge and Control: New Directions for the Sociology of Education*. London: Macmillan.